

Senadores vibraram na conquista da 1ª Copa

Discursos feitos
em 1958 mostram
parlamentares
emocionados por causa
do 1º título do Brasil

Ricardo Westin

NA FINAL DA Copa da Suécia, em 1958, entre brasileiros e suecos, o protagonista foi um jogador novato. Pelé tinha só 17 anos e nunca havia viajado para o exterior. Ele foi autor de dois gols, incluindo o derradeiro do Mundial. No finzinho do jogo, ao ver que sua cabeçada havia levado a bola à rede, não resistiu à emoção e tombou desfalecido. Pelé acordou pouco depois, campeão, e se derramou em lágrimas. Naquele 29 de junho de 1958, o placar terminou em 5 a 2, uma goleada dos brasileiros.

Acompanhando tudo pelo rádio — a TV não tinha tecnologia para transmitir a Copa ao vivo —, os brasileiros viveram a mesma emoção de Pelé. Foi um domingo de delírio no país. A taça do mundo era finalmente nossa. Com o primeiro título, sepultavam-se o fiasco de 1954 (eliminação nas quartas de final) e principalmente o de 1950 (derrota no Maracanã).

O Senado se deixou contagiar pelas comemorações.

Nos dias que se seguiram, não houve senador que usasse o microfone da tribuna sem fazer referência à vitória. Kerginaldo Cavalcanti (PSP-RN) disse que o domingo havia sido “um grande dia para todos os corações brasileiros”:

— Depois de tantos anos, de tantos esforços, vimos afinal coroados de êxito os nossos propósitos. Conseguimos um triunfo deveras notável. Essa vitória testemunhou as qualidades inextinguíveis de nossa raça.

O senador Alencastro Guimarães (PTB-DF) se derramou em elogios à Seleção. Na avaliação dele, Pelé, Garrincha, Zagallo e companhia portaram-se em todas as partidas com “elegância, correção e disciplina”.

— Devemos gratidão a esses rapazes, que elevaram bem alto o nome e a bandeira do Brasil — afirmou.

Nas palavras de Neves da Rocha (PTB-BA), os “valerosos patrícios” fizeram a Europa “curvar-se ante o Brasil”.

Os discursos de 1958 estão guardados no Arquivo do Senado, em Brasília. Os documentos são mantidos em salas com controle de umidade e temperatura para impedir a proliferação de fungos que danificam papéis antigos. Na época em que os discursos foram proferidos, o Senado funcionava no Palácio Monroe, no



O presidente Juscelino Kubitschek cumprimenta Bellini, o capitão de 1958: título sepultou fiascos de 1950 e 1954

Rio, então Distrito Federal. A transferência da capital para Brasília se daria em 1960.

Quatro dias após a vitória, a delegação brasileira foi recebida com festa no Aeroporto do Galeão e desfilou em carro aberto pelo Rio. Bellini, o capitão da Seleção, exibia a Taça Jules Rimet. Milhares de cariocas aplaudiram os jogadores. Na tribuna do Senado, Ezechias da Rocha (PR-AL) descreveu como “apoteótica” a recepção aos “heróis de Estocolmo”:

— A história da cidade nunca havia registrado uma manifestação popular de tais proporções, de tanta alegria e entusiasmo, de tanta efusão patriótica. Delirou a alma da nação.

Gilberto Marinho (PSD-DF) disse que os cariocas deram as boas-vindas aos campeões “em nome dos 60 milhões de brasileiros espalhados por todos os recantos do país”. De acordo com ele, a partir daquele momento, o futebol brasileiro nunca mais seria o mesmo:



Bellini, Zagallo, Garrincha e Nilton Santos comemoram vitória na Suécia

— Nos campos da Europa, esses jovens patrícios fizeram a afirmação de nossa maioridade esportiva.

Na avaliação do senador Gomes de Oliveira (PTB-SC), aquela vitória também precisaria ser vista “sob o aspecto da propaganda”, pois atraiu os olhos de todo o mundo para o Brasil. Ele afirmou que o futebol é importante por ensinar a disciplina e o esforço coletivo, mas fez uma ressalva:

— O futebol, o mais popular dos esportes nacionais,

não será, decerto, em si, o mais conveniente à educação física.

Hoje, 56 anos depois, uma afirmação assim provocaria, no mínimo, estranhamento. Naquele tempo, ao contrário, soava perfeitamente natural. Segundo o jornalista Joaquim Ferreira dos Santos, autor do livro *Feliz 1958 — o ano que não devia terminar* (Editora Record), o futebol era visto com preconceito:

— Era tido como um esporte de negros, de pobres. Dizia-se que o Brasil havia perdido a Copa de 1950 porque a base da Seleção eram jogadores negros que haviam se acovardado na final. Havia o boato de que Bigode [brasileiro], que era negro, havia levado uma bofetada de Obdulio Varela [uruguaio] sem revidar, no jogo decisivo, o que teria abalado a equipe. É tudo mentira, coisa do preconceito. Na realidade, a vitalidade do futebol brasileiro se deve justamente aos jogadores negros.

Veja vídeo com imagens de 1958 e entrevista com Joaquim Ferreira dos Santos: <http://bit.ly/primeiraCopa>



Senador Ezechias da Rocha: “Rio fez recepção apoteótica aos jogadores”



Gomes de Oliveira: “Futebol não é o mais conveniente à educação física”

“1958 foi o ano em que tudo deu certo para o Brasil”, afirma jornalista

Em 1950, quando foi anfitrião da Copa do Mundo pela primeira vez, o Brasil era um país rural e sem autoestima. Em 2014, quando abriga o Mundial pela segunda vez, é um país diferente — urbano e orgulhoso de seus talentos. A transição do Brasil antigo para o Brasil moderno começou em 1958, de acordo com o jornalista Joaquim Ferreira dos Santos, autor do livro *Feliz 1958 — o ano que não devia terminar* (Editora Record).

— Foi o ano em que tudo deu certo. O Brasil ganhou a Copa do Mundo pela primeira vez. João Gilberto lançou *Chega de Saudade*, o disco fundador da bossa nova. A revista *Manchete* apresentou fotos belas da colunata do Palácio da Alvorada pronta, mostrando que Brasília, em construção, se tornaria mesmo realidade, e não mais uma lenda brasileira que não se confirmaria. A arquitetura de Niemeyer causava espanto internacional. Em 1958, o Brasil assistia

a *Rio Zona Norte*, o primeiro filme de Nelson Pereira dos Santos, que inaugurou o Cinema Novo. O Brasil se industrializava.

Na avaliação do jornalista, essa sequência de “conquistas” em 1958 fez nascer um orgulho brasileiro que não existia antes.

— Até então, não havia nada que tornasse o Brasil celebridade internacional. Ali, o Brasil passou a ser reconhecido não pela miséria e pelo subdesenvolvimento, mas pelo talento do futebol, pela sofisticação da música, pela beleza da arquitetura. Nós nos tornamos internacionais pela primeira vez.

A seção Arquivo S, resultado de uma parceria entre o Jornal do Senado e o Arquivo do Senado, é publicada na primeira segunda-feira de cada mês.